

WILTON JUNIOR/ESTADÃO - 17/5/2024

Arroio do Meio (RS) foi destruída; 581 mil estão desalojados no Estado



☹️ remoção, nem todos os moradores saíram do território, afirma Tatiana. “Nem sempre que os sistemas de alertas dispararam o fenômeno vai necessariamente causar catástrofes. Na época, a população já tinha saído e voltado em outros momentos, mas no Katrina algumas pessoas achavam que não iria acontecer nada sério”, diz a geógrafa. Tanto no Rio Grande do Sul quanto em Nova Orleans, foi preciso instalar diversos abrigos para as pessoas que ficaram desalojadas.

RECONSTRUÇÃO. Foram cerca de dez anos para que Nova Orleans conseguisse se reerguer. “A reconstrução da cidade foi lenta, dolorosa e demorada”, diz Skilton. Hoje, o turismo e a atividade econômica retornaram, mas o número de habitantes é pelo menos 20% menor do que antes do Katrina. “Até hoje estão fazendo esses investimentos nas casas, mas também a manutenção desses muros de contenção, das bombas que vão ajudar nesse processo de retirada das águas dos pontos mais críticos da cidade”, diz Tatiana.

“Com todo o dinheiro que têm os Estados Unidos, que é uma potência econômica, militar, produtiva, a gente sabe

“Com todo o dinheiro que têm os Estados Unidos, que é uma potência econômica, militar, produtiva, a gente sabe que foi demorado e que também essa reconstrução contou com organizações não governamentais e a ajuda das pessoas. No Rio Grande do Sul, a mesma coisa. Muito dinheiro e ainda vai precisar dessa rede de solidariedade por um bom tempo”

Tatiana Leite Garcia
Consultora e doutora em Geografia Humana pela USP

que foi demorado e que também essa reconstrução contou com organizações não governamentais e a ajuda das pessoas. No Rio Grande do Sul, a mesma coisa. Muito dinheiro e ainda vai precisar dessa rede de solidariedade por um bom tempo”, acrescenta ela.

Já Skilton pontua que, de forma superficial, Nova Orleans

se recuperou a ponto de ter uma “capacidade de vida vibrante”, viu oscilações positivas e negativas no crescimento econômico e populacional desde 2005, mas, em um nível mais profundo, alguns dos principais problemas relacionados à infraestrutura, ao planejamento e à vulnerabilidade a desastres ainda existem e continuam a atormentar seus residentes.

Foram necessários meses de limpeza por causa das inundações. Segundo a professora da universidade americana, com os Furacões Katrina e Harvey, os problemas de infraestrutura aumentaram preocupações com as cheias, pois as águas ficaram presas em áreas baixas e lá permaneceram por longos períodos, piorando os danos a casas e propriedades e a destruição regular causada por ventos com força de furacão.

VOLUNTÁRIOS. Um ponto em comum entre os dois desastres é a presença de voluntários. Assim como ocorre agora no Rio Grande do Sul, em 2005 os afetados pelo furacão receberam ajuda de uma rede de solidariedade, incluindo civis, empresas, ONGs e apoio internacional. “A burocracia nos Estados Unidos atrasou os recursos pa-

ra chegarem e o que fez a grande diferença foi a rede de solidariedade. E isso também foi o que nós vimos no Brasil agora e até as ajudas internacionais que chegaram ao nosso País direcionado para o Rio Grande do Sul. A burocracia é um elemento-chave”, afirma a doutora em Geografia Humana.

Especialistas também alertam para o fato de que em Nova Orleans houve uma diferença étnico-racial nos impactos da população da cidade com o Katrina. “A distribuição da assistência humanitária foi desigual, aqueles mais afetados por esse evento climático foram os que menos receberam assistência humanitária. Isso é uma lição que o Brasil pode aprender: como fazer uma distribuição justa para essas pessoas e esses grupos sociais afetados, priorizando aqueles que são mais vulneráveis”, diz o professor da USP Guilherme Almeida, que estuda Direitos Humanos e Direito Internacional.

“No nosso País, as pessoas menos favorecidas economicamente moram em áreas de risco porque o valor daquela terra é baixo ou às vezes nem há valor. Essas pessoas, quando voltarem para suas cidades, vão continuar morando nas áreas de risco ou haverá uma

política dos governos estaduais, municipais ou federal para tentar realocar para lugares mais planejados?”, indaga Tatiana.

LIÇÕES A APRENDER. Aliado a uma educação para que as pessoas saibam como se comportar em situações de catástrofes ambientais e como preveni-las, Tatiana afirma que é preciso que sejam feitos investimentos em bons sistemas de monitoramento e haja uma governança interministerial e interfederativa para evitar novos desastres não só no Rio Grande do Sul, mas em outras localidades do Brasil – como já ocorreu em São Sebastião (SP) e Petrópolis (RJ). “Temos de começar a nos preparar porque tem sido cada vez mais recorrentes essas tragédias relacionadas a grandes volumes de chuva e deslizamentos.”

O que esperar no Brasil
Para especialistas, seria possível pensar em uma reconstrução atenta às populações mais vulneráveis

Nesse sentido, Almeida acrescenta que a reconstrução das cidades precisa ser feita com soluções baseadas na natureza. Ele menciona também a necessidade de uma democracia participativa com soluções que ouçam a população afetada. “E não só ouvir a população afetada, como fazer com que todos sejam reais atores da reconstrução. Vai ser um trabalho colossal e que vai demandar auxílio das mais diversas instituições, governo federal, governo estadual, universidade, sociedade civil.”

Para Skilton, por sua vez, ao observar “os fracassos da resposta ao furacão Katrina”, o Brasil pode ser capaz de implementar estratégias e recursos melhores para ajudar as populações mais vulneráveis ao desastre e evitar o impacto persistente das enchentes nessas populações. Almeida destaca, por fim, a importância de que o Brasil tenha uma agência para resposta a desastres naturais, como a Fema (Federal Emergency Management Agency), que faz parte do Departamento de Segurança Interna dos Estados Unidos e atuou diretamente no episódio do Furacão Katrina.

No Brasil, a Defesa Civil tem papel semelhante, mas é “uma área dos governos que costumam ter um pequeno orçamento e é muito mal equipada”, diz Almeida. “Num quadro onde qualquer localidade pode viver eventos climáticos extremos, a Defesa Civil deve ser fortalecida e estar equipada para lidar com essas questões.”